

## Vivências no ensino particular de piano para crianças: um relato de experiência.

### Comunicação

#### GTE08 – Educação Musical na Infância

*Yataty Sananda Vitor Ruggeri*  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*  
*ruggeriyata@yahoo.com*

**Resumo:** Este trabalho apresenta um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) voltado ao ensino de piano para crianças em contexto domiciliar, com ênfase na aplicação de estratégias no ensino. Observou-se que a ausência de acompanhamento familiar e a dificuldade das crianças em manter uma rotina de estudos consistente impactavam diretamente no progresso musical. Como resposta a esses desafios, adotaram-se abordagens como jogos educativos, repertório adaptado aos interesses individuais, propostas interativas entre docente e discente e dinâmicas que estimulasse a criatividade e o envolvimento emocional dos alunos. Essas ações demonstraram que o uso de metodologias mais flexíveis e sensíveis à realidade de cada criança contribui significativamente para o desenvolvimento musical e para a manutenção da motivação. A experiência reforça a relevância de um ensino que valorize a escuta ativa, a afetividade e o diálogo com a família, promovendo um ambiente de aprendizado mais acolhedor e eficaz.

**Palavras-chave:** Ensino do piano, música, infância, educação musical.

### Introdução

O ensino de instrumentos musicais na infância envolve uma série de particularidades que vão além da técnica instrumental. Especialmente em aulas particulares, realizadas em contexto domiciliar, o professor precisa lidar com questões como o ambiente da casa, o nível de apoio familiar, a rotina da criança e sua capacidade de concentração. Em contrapartida, o espaço doméstico também pode se tornar um lugar acolhedor, propício para vínculos afetivos e trocas significativas. Este relato de experiência baseia-se na prática docente desenvolvida entre 2020 e 2024, durante o período de formação inicial da autora, como professora particular de piano para crianças na cidade de Natal/RN. As aulas ocorreram nas residências dos alunos, com idades entre 5 a 12 anos, e revelaram um panorama repleto de desafios, mas

também de descobertas metodológicas e afetivas importantes para o desenvolvimento musical.

O piano, por ser um instrumento que envolve diversas habilidades motoras, cognitivas e auditivas, exige um ensino adaptado às fases do desenvolvimento infantil. Como pontuam Ilari e Mateiro (2011), a educação musical de crianças deve respeitar seus interesses, formas de expressão e modos de aprender, valorizando a ludicidade, o afeto e a escuta ativa. A literatura também aponta que o sucesso no aprendizado está diretamente ligado à motivação (Simões, 2023; Woody, 2021), ao vínculo afetivo com o professor e ao apoio da família (Suzuki, 1994).

No início da minha trajetória como professora, enfrentava o desafio de estruturar um plano de ensino que realmente prendesse a atenção dos alunos. Com o tempo, abandonei a perspectiva tradicional do ensino direto, migrando para uma abordagem pedagógica mais recreativa e interativa. A inclusão de recursos tecnológicos facilitou a introdução de jogos educativos, ampliando as possibilidades didáticas. A plataforma desenvolvida pela Dra. Bianca Ribeiro<sup>1</sup> tem sido um instrumento fundamental para trabalhar competências musicais variadas, abrangendo desde a percepção sonora até a leitura rítmica. Inspirada nos métodos ativos de Carl Orff e Jaques-Dalcroze, constatei que é possível conduzir aulas criativas e dinâmicas de piano, incorporando atividades que estimulam o interesse dos alunos, sobretudo nos aspectos técnicos, de solfejo e leitura rítmica.

Além disso, percebi a necessidade de estruturar a aula em momentos distintos. Por exemplo, inicialmente, realizo sempre um aquecimento, durante o qual os alunos aprendem a escala musical por meio de brincadeiras. Em seguida, são feitos exercícios para auxiliar no desenvolvimento da coordenação motora, antes de ingressarmos no repertório propriamente dito. No entanto, surgem outros problemas, desta vez provenientes dos próprios alunos. A parte mais desafiadora nos primeiros anos ou meses de aula é lidar com aspectos como a falta de motivação e a ansiedade, que parecem ser comuns em crianças, além do pouco tempo semanal que elas têm para organizar uma rotina de estudos. Conforme McPherson (2007):

“o envolvimento ativo do aluno no processo de aprendizagem, juntamente com o apoio e orientação do professor, pode

---

<sup>1</sup> Acesso para a plataforma: <https://jogopedagogicosmusicais.com.br/volta-aulas24-or>

umentar significativamente a motivação intrínseca do aluno. Isso inclui a especificação de estratégias de estudo, orientação para alcançar objetivos musicais, transmissão de confiança e gestão das ansiedades relacionadas às expectativas sociais e escolares” (McPherson, 2007, p. 162-163).

Sendo assim, essa rede de apoio cria um ambiente favorável para o desenvolvimento da consciência de aprendizagem do aluno. McPherson (2007) oferece reflexões e estudos sobre algumas das principais temáticas que professores de instrumento normalmente enfrentam. Para Kaplan (2008, p. 12), “o ser humano não tem aptidões, tem potencialidades”, comentário que ressalta a importância do ambiente e da aprendizagem adequada no desenvolvimento musical. Ainda sim, ele cita que muitos acreditam que, para se tornar um pianista, é necessário nascer com um “dom musical”, uma crença que pode limitar o desenvolvimento musical de muitos indivíduos:

“[...] O artista nasce feito. É uma expressão que ouvimos inúmeras vezes, não só partindo da boca dos leigos como também de inúmeros colegas de magistério. De tanto se repetir, transformou-se em axioma (...) infelizmente, os fatos inicialmente apontados não conseguem desmistificar a crença popular no inatismo, cujos defensores não veem, ou não querem ver, o que é evidente: que o homem não é um ser especializado, e que, portanto, não há comportamento que não seja capaz de adquirir, devidamente orientado. O ser humano não tem aptidões, tem potencialidades...” (Kaplan, 2008, p. 10).

Nesse contexto, o papel do educador é fundamental, sendo necessário adaptar-se às necessidades individuais de cada aluno, planejar as aulas de maneira adequada e, especialmente quando se trata de crianças, é interessante tornar o ensino mais atrativo.

A importância de um profissional qualificado, por mais que seja um ambiente informal, é essencial. Sendo de grande importância observar a formação do profissional contratado. Como mencionado anteriormente, na música se tem essa crença do “dom”, algo semelhante ocorre na docência. Cunha (2004), a concepção da docência como dom gera um desprestígio da profissão, relegando os saberes pedagógicos a um segundo plano e desvalorizando o trabalho docente independentemente do cenário em que for atuar. Essa visão que associa o ensinar a uma aptidão natural, acaba por desconsiderar o caráter profissional da atividade e reforça a ideia de que não seria necessária uma formação específica. Tal perspectiva é

especialmente problemática na música, área já marcada pela desvalorização no Brasil, o que torna ainda mais urgente destacar a relevância da formação qualificada para a valorização do professor e de sua prática.

A prática pedagógica deve ser projetada para todos os alunos independentemente de suas supostas aptidões musicais. Suzuki (1994, p. 18) também reforça a quebra desse dogma de possuir “dom” e “talento” quando diz: “precisamos entender que talento, não só musical, mas, em outros campos também, não é hereditário”. Além dos elementos mencionados anteriormente, há outros igualmente importantes para o aprendizado de piano, como, por exemplo, o apoio da família. Muitas vezes, as crianças desenvolvem o desejo de se dedicar a uma atividade específica ou seguir uma determinada carreira devido ao estímulo dos pais ou ao desejo de se espelharem neles.

Contudo, na prática, é comum encontrar alunos cujas famílias terceirizam por completo a responsabilidade pela aprendizagem, sem criar uma rotina ou oferecer estímulo em casa. Isso acarreta, muitas vezes, descontinuidade nas aulas, desmotivação e pouco avanço no desempenho. Frente a esse cenário, o papel do educador musical torna-se também o de mediador entre aluno, família e processo pedagógico. Este trabalho busca, portanto, relatar experiências reais de ensino de piano infantil em aulas particulares, destacando estratégias utilizadas para enfrentar os desafios encontrados, com base em referenciais teóricos que sustentam uma prática pedagógica sensível, ativa e personalizada.

## Metodologia

Este estudo caracteriza-se como um relato de experiência, com abordagem qualitativa e descritiva, conforme as orientações de Creswell (2007) e Gil (2008), priorizando a observação direta em ambiente natural (Denzin & Lincoln, 2006). As informações foram obtidas a partir da prática docente da autora, com base na observação sistemática de aulas particulares de piano ministradas a crianças com idades entre 5 a 12 anos, a domicílio, na casa dos alunos, no período de 2020 a 2024, na cidade de Natal/RN. Neste relato, seis alunos que já fizeram aulas particulares comigo foram escolhidos para serem analisados e assim delimitar. Ressalta-se que os nomes mencionados neste trabalho são fictícios, a fim de preservar a identidade real dos alunos.

O relato tem natureza descritiva, estruturado nas minhas vivências em aulas particulares, o que dispensou a necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), uma vez que se trata de um relato de experiência sem aplicação de amostragem populacional. Esta abordagem permite uma compreensão aprofundada das experiências dos alunos e das dificuldades enfrentadas durante o aprendizado do piano, fornecendo insights valiosos para aprimorar as práticas pedagógicas e promover um ambiente de ensino mais inclusivo e adaptativo.

A sistematização dos dados ocorreu por meio de registros pessoais, planejamentos semanais, anotações de campo e reflexões contínuas sobre a prática pedagógica ao longo dos quatro anos de atuação. O acompanhamento considerou aspectos técnicos, afetivos, cognitivos e familiares envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. O número de atendimentos semanais variou entre cinco e sete crianças, organizadas em ciclos de permanência distintos. A maioria utilizava teclado, piano digital e em alguns casos piano acústico. Os ambientes domésticos eram bastante variados, o que exigia constantes adaptações quanto ao uso do espaço e dos materiais. As crianças atendidas apresentavam diferentes níveis de desenvolvimento motor e cognitivo. Algumas já possuíam experiências anteriores com a música, enquanto outras iniciaram suas trajetórias no instrumento comigo. O estudo procurou valorizar as especificidades de cada processo, reconhecendo a singularidade de cada aluno no contexto do ensino particular domiciliar.

## Relato de Experiência

### 1.1 Planejamento

Durante os quatro anos analisados, vivenciei situações diversas no ensino particular de piano para crianças em domicílio. As aulas relatadas são planejadas com antecedência em relação ao dia de sua realização e estruturadas em segmentos distintos. No início de cada semestre, elaboramos uma lista com 10 músicas que os alunos desejam aprender profundamente. Com base nisso, planejo as aulas de forma a alcançar essas metas. Vygotsky (2007, p. 95) destaca que “o aprendizado deve estar em consonância com o nível de desenvolvimento da criança”. Para a construção da minha metodologia, considero crucial explorar métodos ativos. Conforme Ilari e Mateiro (2011, p. 22) “é indispensável para a

formação inicial e continuada de qualquer educador musical conhecer diversos métodos de educação musical e analisá-los criticamente”. Meu pensamento inicial era de que precisava me inspirar em professores ou alguns autores, mas percebi que, ainda sim, a melhor forma de nos mudarmos é justamente no ato de lecionar.

O primeiro segmento é dedicado ao aquecimento, etapa essencial para preparar o pianista antes de iniciar a execução. No caso dos alunos mais novos, adoto uma abordagem lúdica ao praticar escalas, utilizando jogos, cartas e contação de histórias. Geralmente, começamos com o pentacorde, tocando de Dó a Sol, explorando ritmos criativos e diferentes articulações. Essa estratégia visa manter o engajamento dos alunos, especialmente daqueles que apresentam maior dificuldade em manter o foco. Para trabalhar aspectos técnicos que podem ser tediosos, como a postura e a forma das mãos, utilizo atividades lúdicas: peço que os alunos formem as mãos em “O”, aproximem-nas do rosto e finjam que estão usando óculos. Em seguida, instruo-os a “quebrar o óculos”, separando as mãos, e depois a mover os dedos em direção ao piano, mantendo a posição e separando-os sequencialmente.

O segundo momento da aula é dedicado ao estudo do repertório dos alunos, com foco nos conteúdos que precisam ser desenvolvidos. Para aqueles que estão aprendendo figuras musicais e a leitura de partituras, como solfejo, ritmo e identificação de notas, utilizo métodos como o “Amigos do piano”<sup>2</sup>, composto por três volumes, sempre ajustando às necessidades individuais de cada aluno. Para os alunos mais velhos, a partir de 7 anos, emprego “Iniciação à leitura” e para os menores o “Pré-leitura”.

O terceiro momento geralmente é o momento final da aula, no qual utilizo jogos didáticos e realizo brincadeiras para trabalhar questões rítmicas, coordenação motora, entre outros aspectos. Além disso, reservo 5 minutos antes de encerrar a aula para que os alunos possam conversar um pouco, mostrar algo que fizeram ou que ganharam.

## 1.2 Duração das aulas

Cada aluno apresenta características únicas e, para cada faixa etária e de acordo com o perfil do aluno, adoto uma duração específica de aula. Para alunos a partir dos 5 anos, são

---

<sup>2</sup> Disponível em: [Lumah Cultura – loja virtual](#)

oferecidos 30 minutos de aula; para alunos entre 6 e 7 anos, são destinados 40 minutos; e para aqueles de 8 a 12 anos, são reservados 50 minutos. Essa abordagem permite ajustar a duração conforme necessário: aumentando para crianças com um foco maior e reduzindo para as demais. Kaplan (1987, p. 83) defende a importância da concentração no processo de absorver o conteúdo, para que os movimentos precisos possam ser automatizados pela repetição.

### 1.3 Casos e Vivências no Ensino de Piano Infantil

Relato 1 - Exemplo 1: houve uma situação com duas irmãs que tinham uma diferença de idade. Joana era a mais nova e Paula era a mais velha. Joana, de 5 anos, vinha de outro professor. As queixas da mãe eram de que a filha não conseguia evoluir e acreditava que a troca de professor poderia ser interessante. A menina tocava melodias apenas com a mão esquerda e com um dedo só, além de sentir uma grande preguiça durante as aulas. Inicialmente, optei por aulas de 50 minutos, mas, como não tinha muita experiência com crianças dessa faixa etária, fui testando diferentes abordagens. Reduzimos a duração das aulas para 30 minutos e focamos no fortalecimento das falanges e na independência dos dedos. Incorporei brincadeiras nas aulas, incentivando-a a tocar melodias com a mão direita enquanto eu acompanhava, para trabalhar a questão da forma da mão e fortalecimento da falange utilizava pop it para auxiliar. De maneira geral, observei que ela se inspira na irmã mais velha, tanto que a aluna iniciou as aulas por conta dela. Contudo, Joana apresenta algumas questões difíceis de abordar. Conversando com um colega que também dá aulas para ela, ele me disse que havia percebido a mesma coisa: ela não admite errar. Ao enfrentar o primeiro obstáculo, desiste e não estuda. A partir desse momento, parei para revisar minha abordagem e pesquisar alguns métodos ativos da primeira geração, como o método Dalcroze. Trabalhei a improvisação para desenvolver sua criatividade, a euritmia para proporcionar uma experiência indireta com questões rítmicas e utilizei solfejos. Quando surgia um pouco de preguiça para tocar com a mão direita, fazia com que cantasse primeiro e depois tocasse. Fui buscando outras alternativas, pois achei importante preparar o terreno antes de colher os frutos.

Relato 2 - Agora falaremos sobre Maurício. Ele começou as aulas comigo aos 6 anos e hoje tem 8 anos. Foi um dos meus primeiros alunos. Quando os pais vieram me procurar, a queixa era que ele estava sendo avaliado para verificar a presença de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), um transtorno neurobiológico que afeta a capacidade de prestar atenção, além de causar hiperatividade e impulsividade. No entanto, até hoje o diagnóstico não foi confirmado. Sempre tratei Maurício com muito cuidado e atenção, adotando uma abordagem de alfabetização musical que combina aulas com jogos pedagógicos e o desenvolvimento da autonomia. Embora ele tenha apresentado problemas semelhantes aos de outros alunos, a solução foi facilitada pelo forte apoio dos pais, que são receptivos às minhas orientações e as seguem, o que torna o trabalho mais eficiente. Às vezes, Maurício demonstra mau humor, o que os pais acreditam ser causado pelo uso excessivo de telas. Por isso, combinamos que, nos dias de aula de piano, ele deve evitar computadores, televisores e celulares. A duração da aula foi reduzida para 30 minutos e para os estudos em casa, foi sugerido que escolhesse três dias da semana e que fizesse 20 ou 15 minutos. Apesar desses desafios, Maurício é um menino muito esforçado e apaixonado pelo que faz. Recentemente apresentou uma forte vontade para a criação musical, em algumas aulas sempre me aparece com algumas composições que inclusive possuem um sentido melódico e harmônico bem interessante.

Relato 3 - Em outro caso, Clara, de 9 anos, havia passado por experiências frustrantes em aulas anteriores e chegou demonstrando resistência ao estudo formal. Com ela, evitamos inicialmente o uso de partituras, focando em jogos de escuta, improvisação e associação de sons com histórias. Com o tempo, ela mesma começou a pedir para aprender músicas de seus desenhos favoritos, e só então introduzimos a notação. Esse processo respeitou seu tempo e restaurou seu vínculo com o fazer musical.

Relato 4 - Por fim, destaco o caso de duas irmãs, de 7 e 12 anos, Carla e Clara, que compartilhavam o mesmo instrumento e ambiente de estudo. Ao perceber que a irmã mais nova se sentia inferior à mais velha, propus desafios cooperativos: uma tocava a melodia, a outra fazia o acompanhamento. Essa dinâmica fortaleceu o vínculo entre elas e criou um ambiente mais acolhedor e colaborativo. A autoestima da mais nova melhorou, e ambas passaram a estudar juntas com mais regularidade.

Uma das práticas que apresentou melhores resultados consistiu em sugerir pequenos períodos de estudo em dias alternados, valorizando a constância em detrimento de longas sessões esporádicas. Também se observaram avanços significativos quando foram realizados desafios competitivos entre irmãos ou colegas, promovendo um clima de motivação e pertencimento. O relato aponta que os resultados mais satisfatórios ocorreram quando houve apoio familiar e quando as aulas foram conduzidas de forma flexível, respeitando o ritmo, os interesses e as singularidades de cada criança. Em contrapartida, a rigidez metodológica e a ausência de suporte parental resultaram, na maioria das vezes, em menor aproveitamento e na interrupção das aulas. Conforme Suzuki (1994), o ambiente no qual a criança é criada influencia diretamente em sua formação, o que confirma a importância da participação ativa dos familiares no processo educativo musical.

## Considerações Finais

O presente trabalho foi elaborado a partir de observações realizadas durante minha trajetória docente, contemplando experiências significativas vivenciadas entre os anos de 2020 e 2024. As reflexões aqui apresentadas baseiam-se no acompanhamento de cinco alunos, com idades entre 5 e 12 anos, e buscam analisar aspectos da pedagogia do piano, metodologias e práticas didáticas empregadas, bem como as particularidades do ensino em aulas domiciliares e suas contribuições para o processo de aprendizagem musical. O uso de estratégias lúdicas<sup>3</sup>, repertório personalizado e o estabelecimento de vínculos afetivos contribuem para despertar o interesse e favorecer o aprendizado musical. A participação da família, por sua vez, mostrou-se determinante para a manutenção do vínculo com o instrumento. Quando a criança se sente acolhida em um ambiente em que sua musicalidade é valorizada e incentivada, sua autoconfiança e desejo de aprender tendem a crescer. A formação docente voltada ao ensino infantil deve incluir abordagens práticas, conhecimento do desenvolvimento infantil e estratégias de mediação com as famílias. A escuta atenta, a empatia e a flexibilidade são elementos essenciais na construção de uma educação musical

---

<sup>3</sup> A ludicidade é compreendida como um **estado subjetivo de plenitude e inteireza**, que integra razão, emoção e sensibilidade, configurando-se como uma **condição essencial do ser humano** (LUCKESI, 2014; MINEIRO; D'ÁVILA, 2019).

significativa e duradoura. Este relato reforça a necessidade de formação continuada para professores de piano infantil, que contemple práticas pedagógicas diversificadas, metodologias ativas e estratégias de mediação com as famílias, essenciais para a construção de ambientes favoráveis à aprendizagem musical.

## Referências

ALMEIDA, Maria B. S. de. Processos criativos no ensino de piano. 2014. Dissertação (Mestrado em Processos de Criação Musical) – ECA/USP.

CUNHA, Maria Isabel da. Diferentes olhares sobre as práticas pedagógicas no ensino superior: a docência e sua formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 27, n. 4 (54), p. 525-536, set./dez. 2004.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOULART, Diana. Dalcroze, Orff, Kodály, Suzuki- Semelhanças, diferenças, especificidades. 2000. Disponível em:

[Dalcroze, Orff, Kodály, Suzuki - Semelhanças, diferenças, especificidades](#). Acesso em: 13/07/2025.

ILARI, B.; MATEIRO, T. Pedagogias em educação musical. Curitiba: Ibpex, 2011.

I. DE CARLI, A. Rebaudengo. Didattica del pianoforte, in J. Tafuri, G.. McPherson, a cura di, Orientamenti per la didattica strumentale, L.I.M., Lucca 2007: p. 159-184.

KAPLAN, José Alberto. Teoria da Aprendizagem pianística: Uma Abordagem psicológica. 3ed. Porto Alegre: Movimento, 2008.

KAPLAN, José Alberto. Teoria da aprendizagem pianística. Ed. Movimento, Porto Alegre, 1987. 2 ed.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e formação do educador. *Revista Entreideias*, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13–23, jul./dez. 2014.

MINEIRO, Márcia; D'ÁVILA, Cristina. Ludicidade: compreensões conceituais de pós-graduandos em educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 45, e208494, 2019.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201945208494>. Acesso em: 01/10/2025.

OLIVEIRA, C. R. de. Criação e aplicação do jogo “projeção do teclado” em aulas de piano para crianças. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE A PEDAGOGIA DO PIANO, 5., 2019.

SIMÕES, A. P. M. O uso da motivação extrínseca para incentivar a prática do piano em casa: relato de quatro atividades para crianças e adolescentes. In: XXVI Congresso Nacional da ABEM, 2023.

SUZUKI, S. Educação é amor. Santa Maria: Palotti, 1994.

VYGOTSKY, L. S. Formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007

WOODY, R. H. Music education students’ intrinsic and extrinsic motivation: A quantitative analysis of personal narratives. *Psychology of Music*, v. 49, n. 5, p. 1321–1343, 2021.